

NO IV CAMPEONATO DE LISBOA INTER-CLUBES

A PÓS luta árdua e entusiástica, que se prolongou por mais de um mês, jogou-se finalmente a derradeira «sessão», que teve por ambiente o «hall» do Casino do Estoril, e em que, por capricho do sorteio, deviam justar-se, entre outras, as equipas favoritas: Belenenses e Costa do Sol.

Venceu esta última — nítida e merecidamente. A classificação final foi a seguinte: 1.º — Costa do Sol, 27,5 pontos; 2.º — Belenenses, 24,5; 3.º — Benfica, 20,5; 4.º — Clube dos Capadores Portugueses, 18,5; 5.º — L. S. Técnico, 18; 6.º — Hockey Clube, 17,5; 7.º — Paladium, 16,5; 8.º — Imprensa Nacional, 15,5; 9.º — Instituto Britânico, 11; 10.º — «Lisboetas do Barreiro», 10,5.

Apesar de há muito não participarem em competições desta natureza, os jogadores da Costa do Sol souberam, à custa de esforço e singular entusiasmo, e, sobretudo, graças à experiência e segurança do seu jogo, chegar à 1.ª primeira classificação da prova, conseguindo assim um excelente triunfo sobre a nova geração de xadrezistas, que constituía a maioria das outras equipas. O rendimento global dos campeões foi regular em quase todo o torneio; oscilou somente nos primeiros jogos, o que é natural, dado o seu absoluto destreza e a pouca confiança que esse factor talvez traduzia. De facto, a partir de certa altura as acinacões de João de Moura e Romão Silva, e o triunfo momentâneo do dr. Mário Machado, tomaram ritmo irresistível, como que acompanhando, figurada e proporcionalmente, a evolução do torneio. O dr. Mário Machado, vencedor das classificações individuais, tendo recuperado grande parte da sua antiga forma, revelou a sua extraordinária classe, firmando-se como o mais forte jogador «posicional» portugueses.

O Belenenses, 2.º classificado, não teve a sorte pelo seu lado. Privado do concurso do seu primeiro tabuleiro, Mestre Gabriel Ribeiro, em grande parte da prova, e com alguns elementos a jogarem muito abaixo das suas possibilidades reais, não conseguiu transpor os obstáculos que se lhe depararam no «esprito» para a conquista do título. O mau desempenho de Romão Silva foi indubitável, não só pela ineficácia que o fez perder a sua última partida, como também porque Peter Braumann teve novamente comportamento modesto, que, por tanto se repetiu, vir prejudicando os créditos firmados pela sua antiga e elevada classe. Nos outros tabuleiros, Ramos e José Luis de Moura, no Belenenses, e Jorge Gonçalves e Lasrignes, na Costa do Sol, cumpriram bem, consoante as suas possibilidades.

O 3.º lugar coube desta vez à equipa do Sport Lisboa e Benfica, campeão do ano passado. Com quasi todos os seus elementos em extraordinária baixa de forma, a equipa dos «encarnados» teve uma prova infeliz, longe de corresponder ao que é justo esperar-se da sua força. Carlos Pires, principalmente, fez uma péssima exibição («+» e «-» em 10 partidas), o que lhe impendia em recentes provas, de interromper actividade.

Seguidamente classificaram-se, depois de movimentada luta, com meio ponto de diferença uma das outras, as equipas dos «Capadores Portugueses», Instituto Superior Técnico e Hockey Clube. Os primeiros começaram bem, mas nas sessões finais fraquejaram um tanto, talvez por falta de jogadores de «esforço», o que fez o jogador mais regular, Rodrigues da Silva, Castelo Branco e Manuel Esteves tiveram algumas partidas boas, a-par de outras más, sem que, todavia, os seus créditos ficassem diminuídos.

O Instituto Superior Técnico teve este ano uma representação diferente das edições anteriores. Constituída, na maioria, por jogadores de «esforço», revelou-se até qualidades bem apreciáveis, a equipa teve comportamento satisfatório, não isento de certa ineficácia, porque nem sempre pôde jogar na sua máxima força. O Técnico teve em Helder Sardinha — a revelação do torneio — um elemento valioso, não obstante ter sido a primeira vez que participou em provas desta categoria.

Em 6.º lugar, comandando mais uma vez a segunda metade da tabela, classificou-se o Hockey Clube. Com alguns dos seus componentes em nítida baixa de forma, não compensada pelo bom comportamento de Alberto Mesquita, a equipa teve uma prova difícil e a pouco mais pôde aspirar em todo o torneio.

Está igualmente no mesmo caso o grupo do Café Paladium, talvez mais homogêneo do que o do Hockey, mas menos experiente. Nunes dos Santos, no difícil lugar de 1.º tabuleiro, distinguuiu-se, e Galhardo, mais experimentado, foi irregular, embora o seu comportamento satisfizesse.

A Imprensa Nacional não conseguiu ultrapassar o seu mais próximo rival — o Paladium. Todavia, obteve a classificação de 5.º lugar com as actuações de Romão Silva, revelando até qualidades bem apreciáveis, a equipa teve comportamento satisfatório, não isento de certa ineficácia, porque nem sempre pôde jogar na sua máxima força. O Técnico teve em Helder Sardinha — a revelação do torneio — um elemento valioso, não obstante ter sido a primeira vez que participou em provas desta categoria.

O Instituto Britânico conseguiu, na última sessão, fugir ao último lugar — e com certo merecimento, diga-se. No 1.º tabuleiro jogou o conhecido Mestre do problema inglês, Mr. Anderson, que neste torneio se estabilizou como jogador com actuações de qualidade. O Britânico ganhou a taça oferecida pela Associated Press, denominada intencionalmente «Espírito de Oxford».

Por último, temos a equipa dos «Lisboetas do Barreiro». Apenas um nome a destacar: Fernando de Almeida — outra revelação do torneio, apesar de já serem conhecidas as suas boas aptidões. Os restantes componentes puzeram em jogo o melhor da sua boa vontade, mas nenhum deles está ainda preparado para semelhantes provas.

Apreciando o nível técnico da prova verifica-se que foi fraco e o jogo incerto, o que, em parte, é natural, dada a grande diversidade de categorias em presença. Muitas das partidas jogadas tiveram cunho especial, característico deste género de competições. A-par de jogos em que, por conveniências das equipas, imperava a prudência e a segurança, disputaram-se outros nos quais o «empate era desprezado e toda a cautela impossível, para dar lugar a lutas decididas e arrojadas, verdadeiras lutas de «vida ou morte». Este estado de espírito foi favorável à equipa campeã, que, sem nunca se

BARREIRA DE SOL

ALGÈS, 3 de Maio

A empresa da nossa alegre carabanchelera (perdoem a comparação, que além de forçada já não é inédita) dispôs-se a explorar-la, este ano, à base de cartazes sérios e caros. Lowdell iniciativa, se não fosse a crise de «matéria prima». Os touros e garraios lidos pelo cavaleiro António Luis Lopes (que procurou agradar), pela parelha cigana, Cagancho — Gitanillo e por Gregório Garcia, não tinham estilo de investir.

Cagancho, que em plena decadência conserva o «salo» da sua raça, deu-nos um momento sublime de arte ao desenhar duas preciosas chicuelinas rematadas com meia-verônica enorme, modelo de temple, suavidade e mando. Foi grande, ainda, no início das «faenas», com os seus característicos ajudados por alto, e toureiroíssimo numa saída em falso ao citar a «cambio».

Gitanillo entusiasmou justamente com o seu touro à verónica. Há que reconhecer no estilo emocionante deste touro uma inferioridade manifesta em relação ao do seu paisano: Gitanillo cinge-se e manda como poucos, mas não possui o genial segredo do temple de Cagancho. Com a muleta procurou tourear o seu primeiro ao natural, não parando nem ligando devidamente os passes porque o garraio não investia bem.

Gregório Garcia, não pôde sair airosoamente de uma competência em que levava fã de perder. Do seu trabalho de capore, merecem registo três excelentes gaoneros. Com as bandarilhas e a sua muleta continua a desiludir os seus devotos.

CAMPO PEQUENO, 7 de Maio

Tarde de touros memorável, com uma primeira parte cheia e para todos os paladares: o domínio de Mestre João Nuncio, a alegria de José Casimiro e dois garraios do dr. Emilio Infante, nobres e maneáveis — o primeiro bravo — dando ensejo a que Juan Belmonte, filho, e o mexicano Fermin Rivero, novo entre nós, arrancassem justas ovações com um curso de touro vistoso e emocionante, fielmente ajustado às predilecções dos públicos de hoje.

Com o capote, os dois maestros competiram briosamente dentro das respectivas escolas, diferentes «na forma e no fundo». Com a muleta, Belmonte, mais feliz no reparto, desenvolveu, em três tempos, uma faena repousada e vistosa, por passes altos e parones, empregando bem a mão esquerda no último tempo, em que apontando alguns naturais que poderiam levar a firma paterna.

Rivera, bandarilheiro fácil, está inteirado com a muleta, embora o seu domínio não seja ainda perfeito e o prejudique a preocupação de se cingir em demasia.

Resta citar a lide magistral do 5.º touro, por João Nuncio, que ergueu o pavilhão de Aldecer ao nível dos dias grandes.

J. E.

exceder, exibiu jogo superior a qualquer outra, apesar de não atingir craveira de notabilidade. No campo da teoria, a apreciação torna-se de certo modo difícil, dada a delicadeza da matéria e a impossibilidade de formular quaisquer impressões circunspetadas, sem estudo prévio de obras de 1.º paradas. Contudo, podemos dizer que, pouco a pouco, os xadrezistas da capital vão seguindo exemplo dos seus confrades portueses, interessando-se cada vez mais pelo estudo dos princípios fundamentais da técnica e teoria do Xadrez, sendo de esperar que alguma coisa lucre, com isso, o nível técnico das provas lisboetas. Em próxima crónica publicaremos, juntamente com uma que trata geral das aberturas empregadas, mais algumas apreciações sobre este importante capítulo da arte escaquística.

*

Promovido pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, em homenagem às equipas participantes, teve lugar, no Casino do Estoril, um jantar de confraternização, a que assistiram, além dos homenageados e representantes da Imprensa, diversas individualidades, entre as quais o presidente da Sociedade de Propaganda de Portugal, Dr. Alberto Brantão; sr. Vergílio Soares, da S. P. C. S.; Prof. George West, director do Instituto Britânico; e drs. António Maria Pires e Miguel de Abreu, presidentes, respectivamente, da Federação Portuguesa de Xadrez e do Grupo de Xadrez da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Representou a «Stadium» o nosso colaborador José Casimiro Vinagre, que, no momento de entregar a medalha oferecida pela nossa Revista ao vencedor individual, dr. Mário Machado, pronunciou algumas palavras alusivas ao acto.

VASCO C. SANTOS

Sombreiraos

Barracas PARA PRAIA

Tendas E MATERIAL

DE ACAMPAMENTO

Consulte sempre a

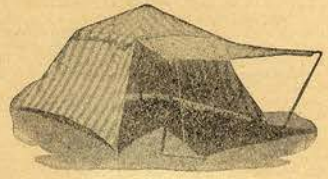
SOC. INDUSTRIAL

DE TOLDOS E

ENCERADOS

R. Vale S.º António, 59

TELEF. 2 5357



Toldos de sistemas aperfeiçoados

UMA VIDA — E UMA HISTÓRIA

(Continuação da pág 4)

de futebol para fazer a apresentação. O público não simpatizou com a modalidade, chegando até a ridicularizá-la... Nessa partida de estreia tomaram parte o Grupo de Armas e Desportos, colectivamente nascida do impulso e dinamismo de Ermelindo Santos, e uma equipa do Sporting Clube de Portugal. O devotado propagandista da educação física não desanimou com o fracasso inicial do «handball» e insistiu na sua divulgação. Do êxito dessa persistência falam os clubes que o praticam hoje e a gratidão da Associação lisboense, que instituiu e pôs em disputa um troféu com o nome do introdutor da modalidade no nosso país.

Ermelindo Santos fundou também a Secção de Educação Física da Sociedade de Geografia, onde mantere, durante dez anos, o citado Grupo de Armas e Desportos. No decorrer desse período, quantos espectáculos de ginástica, quantas realizações da mais intensa propaganda! Saraus na Sala Portugal chegaram a ter assistências de 3.000 pessoas — o que, se era importantíssimo para a época, é ainda hoje muito de apreciar.

As classes que ministrava atingiram tal frequência que Ermelindo Santos viu-se obrigado a abandonar aquelas instalações. Entretanto, a sua competência era solicitada de todos os lados. Ministrou os seus ensinamentos nos Liceus Centrais de Lisboa e na Assistência Pública. O Lisboa Gimnástico Clube honra-se de o ter tido como professor durante 15 anos — em 15 de existência. Podemos anotar mais: Clube Naval de Lisboa, Cantinas Escolares, Sporting Clube de Portugal, Ateneu Comercial de Lisboa, cursos populares organizados pelo jornal «Os Sports», Grupo Desportivo dos Tabacos e Hockey Clube de Portugal. Em toda a parte Ermelindo Santos deixou profundas simpatias — e em cada aluno um amigo!

Actualmente, já transposta a casa dos cinquenta, Mestre Ermelindo mantém inalterável a sua actividade. Dirige o Centro de Educação Física — e das suas classes é testemunho significativo esta página.

Uma frase sua: «Considero-me satisfeito com a minha labuta, e a divulgação da educação física jamais deixará de me apasionar. Podia estar rico, se fosse ganancioso... Mas a alegria e o compromisso do saber que tenho contribuído para o bem-estar físico de muita gente! Será até como que o contributo que eu pago por outros me terem salvo da cruel sentença pronunciada aos meus onze anos...»

Será preciso acrescentar mais alguma coisa a este pensamento para definir melhor o carácter do Homem?

ANO XII — Lisboa, 10 de Maio de 1944 — II SÉRIE-N.º 75

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIETATE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na

GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA